

## DOUTORA PETRONA: MESTRA DE GERAÇÕES

Ir. Elvo Clemente

Faleceu no dia 1º de novembro em Buenos Aires, após pertinaz doença – Profª. Dra. Petrona Dominguez de Rodríguez – Pasqués. Tinha 79 anos dos quais passara 60 em atividades de ensino. Nascida de uma família de rara vida cultural, o pai, Diretor do Jornal LA PRENSA e a mãe pessoa de fina educação da sociedade portenha, nas primeiras décadas do século XX. A jovem Petrona após vencer o curso secundário entrara na Faculdade de Letras da Universidade de Buenos Aires. Na juventude exercia seus dotes literários escrevendo artigos e pequenas crônicas em LA PRENSA, assinava com o pseudônimo MIGNÓN pelo qual era conhecida entre os amigos. Viveu intensamente os belos anos da Ação Católica na Argentina, em cursos e reuniões de jovens na Universidade e na Paróquia. Era líder universitária. Durante vários episódios e atividades da Ação Católica encontrou o jovem Rafael Rodríguez Pasqués dado às ciências exatas e nucleares. Com ele formou o casal ideal no amor, na vida, nas ciências e nas letras.

Pelos anos 1960 resolveu continuar os estudos ele no doutoramento em Energia Nuclear, ela nas Letras. Vieram em Washington estudaram, pesquisaram e alcançaram o seu PhD em Ciência e Letras. Depois retornaram a Buenos Aires com vasta bagagem científica e de títulos universitários. Lutaram para conseguir emprego: ele conseguiu elevado posto no Ministério que cuida de Energia Nuclear, ela demanda uma cátedra na Facultad de Letras da UBA, consegue lugar na Universidade Tecnológica. Desenvolve atividades com a novel Universidade Católica onde o Reitor Mons. Octavio Nicolas Derisi ilumina mestres e alunos com a sua filosofia tomista, implantando o neotomismo filosófico-humanista na Argentina e Brasil. Doutora Petrona infatigável investigadora nas Letras e na Filologia vai abrindo espaços na produção publicando. Estudos de Narratología de 16 Cuentos Argentinos.

Em 1961 tivemos o primeiro encontro com Mignón, tinha ido com o saudoso Irmão Irmão Faustino a Buenos Aires, ele fez questão de me apresentar às três irmãs da família Dominguez. Nossa amizade começou então. Em 1971, já funcionava o Mestrado de letras na PUCRS, precisávamos de uma professora doutora para a Literatura convidamos Petrona. Durante três anos ministrou várias disciplinas: Estilística, Historia da Literatura Hispano-Americana; Curso sobre Jorge Luis Borges, Narratología. O Mestrado foi em frente graças aos cursos de Petrona. Devotadíssima aos alunos que vinham de vários municípios do Rio Grande do Sul e de Universidades de vários estados do Nordeste e Norte do País, lembrava-se deles citando-lhes os nomes e a procedência. Legou em suas aulas magistrais plenas de sabedoria e de ciência literária, mensagens de vida e de eternidade. Deixou em todos a recordação de mestra carinhosa e exigente sempre em busca e na defesa da Verdade alicerçada no Evangelho de Jesus Cristo. O Centro de Estudos de Narratología foi outra importante criação do gênio e do carisma da Professora Petrona, seu ideal era repartir as luzes do saber literário entre colegas argentinos e brasileiros para que mais gente soubesse apreciar digna e profundamente a beleza da palavra no ensaio, no conto, no poema, na crônica ou no romance. A Narratología estuda e faz brilhar os meandros da expressão narrativa. Foram importantes os simpósios internacionais de Narratología, realizados em Buenos Aires e Porto Alegre. Publicou na Editora da PUCRS a sua tese *El discurso indirecto libre*, exemplo do método estilístico usado na crítica literária. Em 2003 o Conselho Universitário outorgou-lhe o título de **Professor Honoris Causa**. O ato acadêmico foi uma exaltação do mérito da mestra de gerações na Argentina e no Brasil. Rememorando os principais fatos de sua vida vemos como é maravilhoso viver por um grande ideal sob a luz da Verdade de ontem, de hoje e de sempre – Jesus Cristo!

## A conquista do jovem leitor

Regina Zilberman

PUCRS

Erico Verissimo escreveu a maioria dos livros que dedicou a crianças e jovens durante a década de 30, quando já tinha sido premiado por *Caminhos cruzados*, em 1935, mas ainda não tinha lançado romances mais importantes, como *O resto é silêncio*, de 1942, e *O tempo e o vento*, trilogia produzida entre 1949 e 1962. Nem tinha alcançado ainda grande sucesso junto ao público, fato que ocorre após a edição de *Olhai os lírios do campo* (1938), obra das mais populares do novelista nascido no Rio Grande do Sul.

Para crianças, Erico dirigiu um grupo de seis histórias curtas: *Aventuras do avião vermelho* (1936), *O urso com música na barriga* (1938) e *A vida do elefante Basílio* (1939). Algumas são entrelaçadas, como *Os três porquinhos pobres* (1936) e *Outra vez os três porquinhos* (1939), mas a sexta é totalmente independente e a única protagonizada por uma menina, *Rosamaria no castelo encantado* (1936). Para jovens, Erico destinou três títulos, também no mesmo período: *A vida de Joana D'Arc* (1935), em que narra a biografia da heroína francesa que ajudou a França a se liberar do jugo inglês no século XIV; *Viagem à aurora do mundo* (1939), em que usa a ficção para explorar matérias de interesse científico, como as descobertas relativas à pré-história; *As aventuras de Tibicuera* (1937), que elege como tema a história do Brasil, relatada e vivenciada pelo indiozinho do título.

*Clarissa*, sua primeira novela, não pertence originalmente a esse grupo, mas pode ser examinada enquanto uma narrativa voltada à sedução do leitor jovem, ainda imaturo diante dos grandes relatos. Desde o início, a construção do texto revela o modo como o escritor lida com seu destinatário.

O leitor, quando abre o romance *Clarissa*, de Erico Verissimo, depara-se com a seguinte frase: “*Só agora Amaro acredita que a pri-*

mavera chegou: de sua janela vê Clarissa a brincar sob os pessegueiros floridos". No mesmo parágrafo, o leitor fica sabendo que:

- aquela personagem reside numa pensão;
- há outra figura humana em cena, o menino doente, sentado na cadeira de rodas, além dos mencionados Amaro e Clarissa, que brinca;
- um avião cruza o céu.

O parágrafo inclui ainda outras informações, relativas à presença ostensiva da primavera e à luminosidade do dia. Esses dados ajudam a compor um ambiente e situar o leitor num tempo e num espaço:

- o tempo é o mais recente possível, pois as palavras iniciais do livro são "só agora", expressão que remete a ação permanentemente para a atualidade;
- ao lado da atualização, verifica-se a valorização da modernidade, já que o narrador faz questão de destacar o avião que cruza o céu;
- o espaço é urbano, embora o narrador não se refira explicitamente a uma cidade; porém, ao lembrar que os pátios da pensão e da casa vizinha estão separados por um muro florido, sugere um ambiente marcado por residências próximas, característico da vida em centros populosos, e não no campo.

As duas páginas seguintes do romance complementam os dados fundamentais do livro, esclarecendo a situação de Clarissa, que mora com a tia e frequenta a escola, a profissão de Amaro, um músico, e quem são os demais pensionistas. O narrador parece contar a história com vagar, detendo-se nas imagens e nos sons captados por Amaro; contudo, a impressão é contrariada pela rapidez com que vai introduzindo os elementos principais do romance, para que o leitor, antes de tudo, se sinta membro do grupo, participante da vida das personagens, cuja trajetória doravante acompanhará.

Eis aí o mérito de um romancista que sabe como lidar com nossas expectativas, que nos defrontamos com uma narrativa denominada *Clarissa* e que desejamos saber o que ocorrerá à figura do título. Sem se demorar em descrições ou comentários, ele vai esboçando as características das personagens e fazendo com que o leitor se torne íntimo delas.

Amaro, que dirige nosso olhar nos primeiros parágrafos, mostra-se de imediato com suas marcas principais: é músico, mas

não consegue dar vazão à sua criatividade, frustrando-se sempre que deseja compor; por isso, quando Clarissa, um pouco adiante, define-o como um "homem triste", sabemos de antemão a causa da tristeza e entendemos seu comportamento. A menina, por seu turno, é o oposto do músico, pois o narrador, já no primeiro parágrafo, associa-a à primavera que chega e às flores que nascem, especialmente as do pessegueiro, célebres por anteciparem aquela estação do ano. Clarissa é o novo que se anuncia e alegra a todos, de modo que, na primeira frase do livro, a garota brinca no quintal, e, quando se fecha o primeiro segmento do capítulo inicial, ela está "sorrindo".

As páginas de abertura revelam ainda outras habilidades do escritor, que se manifestam por intermédio da ação do narrador. Citemos duas, para não esgotar as possibilidades de o leitor descobrir, por sua própria conta, como o autor vai construindo a narrativa com sagacidade e sabedoria:

- 1) Note-se que o segmento inteiro emprega o verbo no presente; o pretérito só é utilizado quando se trata de um acontecimento anterior àquele experimentado pelas personagens. Assim, o narrador amplia as possibilidades do "agora" e faz com que os eventos se desenrolem à nossa frente, ao contrário de uma prática comum nas histórias relatadas, conforme a qual o verbo aparece no pretérito, como se tudo já tivesse ocorrido e encerrado quando o leitor toma conhecimento dos fatos.

Observe-se que é bastante difícil conduzir uma narrativa dessa maneira, pois a tendência a contar está associada à utilização do verbo no pretérito, mesmo quando o sucedido se passou há poucos instantes. O efeito obtido por Erico Verissimo é notável, ao tornar cinematográfico o relato, procedimento que mostra o quanto o autor, já em 1933, ano em que *Clarissa* foi publicado, aprendia com uma técnica na época ainda bastante recente.

- 2) Nas páginas iniciais, até o final do primeiro segmento do capítulo de abertura, o narrador expõe o modo como Amaro percebe o ambiente circundante, destacando não apenas os seres humanos – sobretudo Clarissa e o menino doente –, mas também as cores e sensações pictóricas suscitadas pelo espaço. Menciona-se grande quantidade de tons, de que são exemplos o roxo das glicínias, o dourado do sol e o azul do céu, para limitar a observação ao primeiro parágrafo da obra. Na seqüência, as mesmas

ou outras cores aparecem, de modo direto ou não, transformando o cenário divisado por Amaro numa pintura. Contudo, o compositor deseja transferir sua percepção do espaço em som, mudando o registro visual para o auditivo, porque sua criatividade passa pela música.

O esforço de Amaro é altamente expressivo das dificuldades de invenção com que se depara todo o escritor, pois também o artista que lida com as palavras precisa proceder à transposição de sentimentos ou vivências originárias de sua experiência e imaginação para o mundo fantástico da ficção. Amaro, amargo como seu nome sugere, não é bem sucedido, ao contrário de Erico Verissimo, que, na abertura de seu romance, dá uma aula de criação literária, que o leitor pode não perceber na primeira leitura, mas que identificará à medida que se aprofundar no conhecimento do texto.

Distinto é o trabalho do escritor quando aborda outra figura feminina na mesma função de protagonista, Joana D'Arc, no livro que traz seu nome no título. Dedicado, como se disse, à jovem francesa que ajudou a França a conquistar sua autonomia diante dos ingleses que ocupavam aquela região, *A vida de Joana D'Arc* é relatado em terceira pessoa, não escondendo a simpatia para com a menina e, depois, moça que desafia preconceitos e instituições para realizar o ideal de independência pessoal e política. Obra datada do período da ditadura de Getúlio Vargas, manifesta a crença do autor nos ideais libertários então em falta, mas fundamentais para a existência de uma nação, onde quer que ela se localize.

Para fazê-lo, elege uma personagem pertencente à história européia, interessando-lhe examinar a atuação de uma das personalidades mais controversas da história francesa, conforme declara em suas memórias: "Foi ainda em 1935 que escrevi *A Vida de Joana D'Arc*. A figura da Donzela me fascinava desde os tempos de menino."<sup>1</sup> O fascínio experimentado pelo ficcionista, motiva a redação da obra, que se apresenta como história de uma mulher, canonizada em 1919, poucos anos antes da produção do livro. O título, apresentando a vida de uma pessoa, sugere o gênero em que a obra se inscreve – a biografia; a identificação da protagonista, sem a alusão à santidade, revela o contrário, a saber, o gênero que o autor evita – a hagiografia.

A trajetória de Joana D'Arc converteu-a, desde o século XV, em personalidade bastante popular, em decorrência de sua bravura, existência curta e mescla de guerreira e religiosa. O hibridismo

da figura, mulher travestida que lidera um exército de homens e desafia dois poderes, o civil e o religioso, e dois Estados, o francês e o inglês, somado ao rápido sucesso de suas proezas bélicas, em contraposição à infelicidade de sua fortuna, jogada à fogueira da Inquisição, ajuda a compor um caráter bastante próximo das personagens da literatura, em particular do gênero épico. Não por outra razão, biografias de Joana D'Arc começaram a ser produzidas poucos depois de sua morte, em 1431, a partir dos atos do processo de feitiçaria de que foi vítima.

Os registros do processo original, presidido por Pierre Cauchon, religioso francês aliado aos ocupantes ingleses da França do século XV, foram, porém, perdidos. Conservaram-se apenas os documentos de contemporâneos, como os dos membros do tribunal, Guillaume Manchon e Thomas de Courcelles, que redigiram em latim, em 1435, o resumo do processo verbal, bem como trechos dos apontamentos dos notários que assistiram aos interrogatórios da vítima. Uma cópia do instrumento público das sentenças, resumo redigido logo após o processo, foi realizada em 1456. Dessa maneira, as fontes em que se baseiam as narrativas da história de Joana, além de póstumas, relacionam-se sobretudo ao processo que a vitimou. Trata-se de depoimentos sobre depoimentos, colaborando para a mitificação da personagem, porque acentuam os fatos extraordinários de que se reveste seu percurso pessoal, aproximando-o mais do âmbito da invenção e da literatura.

Ao redigir sua versão da vida de Joana D'Arc, Erico Verissimo atém-se aos fatos tornados públicos, relacionados à trajetória da jovem guerreira. Narra sua infância e adolescência em Domrémy, privilegiando os episódios que mostram o gosto da menina por ouvir contos maravilhosos, como os da lenda do Rei Artur, ou religiosos, como os milagres de Santa Catarina e Santa Margarida, ambas de sua particular devoção. Pequenos milagres são apresentados, como que introduzindo a propensão mágica da protagonista; esses milagres, por sua vez, não merecem comentários do narrador, que atua de modo discreto, evitando interferir sobre o julgamento do leitor.

A esse período relativamente idílico, segue-se a narração das epifanias: Joana tem visões de santos e ouve vozes, igualmente sagradas, que lhe ordenam libertar a França e coroar o Delfim, futuro Charles VII, em Reims. Após vários percalços e muitos sucessos, a moça, agora na posição de líder da milícia gaulesa, alcança seu intento. Dá-se então a reversão da fortuna: o novo rei afasta-se da campanha militar, Joana é presa pelos inimigos borgonheses, julgada pela Inquisição, acusada de herege e feiticeira, e queimada

<sup>1</sup> VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Memórias. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1974. p. 259.

viva. Ao longo desse percurso, não se desmente sua natureza divina: é acompanhada pelas santas de sua devoção, realiza novos milagres, não esmorece e, prova final de sua excepcionalidade, seu coração é encontrado intacto, embora o corpo tivesse sido consumido pelo fogueira.

A história de Joana termina nesse ponto, mas não o livro: o narrador, nas últimas páginas, dirige-se à moça, arrola os acontecimentos subseqüentes à sua morte, relativos, de uma parte, à sua absolvição e canonização, de outro, aos eventos históricos posteriores, desde a definitiva expulsão dos ingleses, poucos anos depois do julgamento da moça, até a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, quando, outra vez, exércitos europeus se opuseram e dilaceraram em terras da França, provocando enormes perdas humanas.

A narrativa apresenta-se em terceira pessoa, acompanhando quase inteiramente o percurso existencial da protagonista, cuja ótica privilegiada, por intermédio de duas técnicas. Em primeiro lugar, a linguagem empregada acompanha o estatuto intelectual e emocional da personagem; assim, o relato mostra-se pueril, quando Joana é ainda criança, e vai amadurecendo e aprofundando à medida em que a jovem se torna adulta e enfrenta dissabores, como a indiferença do novo rei francês ou a agressividade dos inquisidores e dos carrascos, na masmorra onde está aprisionada. Além disso, o narrador permite-se invadir a intimidade da figura central, sem estabelecer limites ou censura à exposição de seus pensamentos, idéias ou emoções. O mundo interior de Joana desnuda-se ao leitor, técnica que garante a verossimilhança da narrativa.

Com efeito, se Erico optasse por um narrador em terceira pessoa que se distanciasse da protagonista, as visões ou vozes ouvidas por elas seriam passíveis de suspeita ou descrédito. O mesmo ocorreria, eleita a técnica oposta: fosse Joana a relatora de sua própria sorte, as epifanias que experimentou soariam como alucinações ou fantasias. Somente um narrador onisciente estaria apto a convencer da sinceridade e coerência da personagem, por mais extraordinários que fossem seus feitos, como a mudança da direção dos ventos, favorecendo o exército francês, ou a ressurreição do bebê morto para seus pais disporem do tempo suficiente para batizá-lo.

Ao empregar o narrador onisciente, Erico conferiu veracidade a seu relato, evitando ao mesmo tempo um segundo perigo, o de a obra transformar-se em expressão dogmática e pedagógica. Esse resultado é alcançado, porque o narrador, ainda que onisciente, limita-se a contar o que sabe, sem emitir opiniões. Ele não julga,

nem comenta, apenas narra; e, ao fazê-lo, alcança introduzir-se na interioridade da protagonista.

A técnica adotada ajuda-o também a lidar com o mundo – o do mito e da religião – de onde provém a personagem: Joana D'Arc ajuda a França a libertar-se do jugo inglês por força de sua fé cristã, inspirada na abnegação de duas santas, Margarida e Catarina, e no procedimento de São Miguel, que expulsa Satã do paraíso. Na vida de Joana, a sexualidade aparentemente está ausente, mas reaparece, quando se evidencia a associação que a protagonista faz entre sua vida e a de Santa Catarina, que optou pelo casamento com Jesus, após a rejeição de vários noivos para ela inadequados. E torna-se problemática, quando se verifica o caráter híbrido de sua constituição, mulher pelo gênero e homem pela ação. Representação histórica da mulher guerreira e travestida, ela renuncia a ocorrência mais ilustre na literatura brasileira, o Diadorim de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*.

Joana, de certo modo, espelha o hibridismo, ao oscilar entre o masculino e o feminino, circunstância que poderia relativizar sua santidade. Mas o que interessa ao escritor, ao desmitificar a história da heroína francesa, é revelar o ser humano Joana D'Arc, e não o mito em que ela se transformou. Contribui para esse resultado o trecho final, em que ele dirige-se à personagem para contar acontecimentos posteriores à sua morte. Registrando os eventos sucedidos entre os séculos XV e XX, o narrador reintegra a personagem e o relato à história, de que ela constituiu uma parte, mas de que não se desprende.

A vida de Joana D'Arc antecipa o materialismo com que Erico Verissimo compreende a história e o percurso de seus figurantes, por mais dotados de poderes – religiosos ou seculares – que eles fossem. Neste caso, ele o faz por intermédio de uma mulher *sui generis*, distinta dos paradigmas femininos de que sua obra foi fértil. Talvez pudesse fazê-lo por meio dela, porque, como Joana, a questão da feminilidade é problemática, apresentando-se no seu limite. Correspondendo a uma mulher que, por razões variadas, se constrói fora dos parâmetros usualmente atribuídos às suas possibilidades de agir, quais sejam, a família e o sexo, ela começa por desmitificar sua própria condição enquanto mito formulado pelo universo masculino. Para chegar à desmitificação do mundo sagrado de onde provieram, tratava-se apenas de dar mais um passo.

Em *Clarissa* e em *A vida de Joana D'Arc*, narrativas protagonizadas por jovens pertencentes ao sexo feminino que experimentam as primeiras décadas de suas respectivas existências, Erico dá lições de literatura e de vida. Na novela, introduz o cotidiano de seu

tempo, para que o leitor entenda o contexto em que está situado; na biografia da santa francesa, dirige-se à história, para mostrar a humanidade e a fragilidade dos indivíduos que conduzem povos e nações. Em ambos os casos, revela-se um narrador atento ao universo do leitor, para que esse preze a existência e procure valorizar comportamento éticos e artísticos positivos, próximos aos seus, portanto, alcançáveis e realizáveis.